

Ópera: 'Elektra' conquista a platéia do Municipal pelo visual • 5

SÁBADO, 27 DE ABRIL DE 1996

Marília Kranz expõe 30 anos de arte carioca

Retrospectiva no MNBA também reunirá obras da juventude da artista

Mànya Millen

Marília Kranz considera o ano de 1966 um marco em sua carreira: é a data de sua primeira exposição, no XVI Salão Nacional de Artes Plásticas. E embora a data seja apenas uma referência para quem pinta há muito mais tempo, desde os 14 anos — "Me deram um pincel e eu pintei", conta Marília — a artista a utiliza como mote para realizar, a partir do próximo dia 2 de maio, no Museu Nacional de Belas Artes, sua primeira retrospectiva, "Construção, eros e metafísica". No mesmo dia, inaugura outra mostra com obras recentes no 999 Studio, na Barra da Tijuca.

No MNBA, Marília, carioca de Ipanema que fez da cidade sua musa, apresenta, de fato, mais do que a produção dos últimos 30 anos, período em que encantou-se com muitos materiais e suportes até abraçar definitivamente a pintura, nos anos 80. Sob a curadoria do crítico Frederico de Moraes, a exposição também revela desenhos inéditos realizados nos anos 50 — num módulo que ela diz ser uma "arqueologia" — e alguns quadros pintados pela então adolescente.

— Me dei conta de que ninguém conhece todo o meu trabalho — diz ela. *Continua na página 4*

TVE vai contar vida de Zumbi dos Palmares

Emissora deve exibir em agosto a minissérie dirigida por Avancini

As gravações já terminaram, e a edição já começou a ser feita na última quinta-feira, mas somente em agosto os espectadores poderão acompanhar, pela TVE, os quatro capítulos da minissérie "Zumbi, rei dos Palmares", dirigida por Walter Avancini. Um projeto idealizado pela Fundação Palmares e produzido pela Fundação Roquete Pinto e pela produtora Lepad, a minissérie tem Norton Nascimento no papel do líder negro. Para Avancini, o principal mérito da produção é mostrar o conflito interior de Zumbi, que "sacrifica a coletividade em função de uma liberdade mais ampla".

— Mas claro que não fugimos do lado épico, pois é ele que aciona o questionamento de Zumbi — diz Avancini.

Da minissérie, rodada em Pernambuco, participam Sílvia Buar e Reinaldo Gonzaga, entre outros 12 atores, além de cerca de 4 mil figurantes pernambucanos. ■

Divulgação



NORTON NASCIMENTO vive Zumbi

Itapoã nunca mais

Caymmi se diz 'meio carioca' e conta que hoje não se adapta mais à Bahia

Márcia Foletto



DORIVAL CAYMMI, que completará 82 anos nesta terça-feira, posa ao lado do auto-retrato que pintou em 1944, quando tinha 30 anos, em Jequiri, Minas Gerais, cidade natal de sua mulher

Antônio Carlos Miguel

Nas vésperas de completar 82 anos — na próxima terça-feira, dia 30 — Dorival Caymmi não está pensando em grandes comemorações. No máximo, um jantar íntimo com familiares e amigos mais próximos. Uma celebração inesquecível, na verdade, aconteceu há duas semanas, no lugar mais apropriado para o cantor e compositor: o palco. Um dos convidados especiais do filho Dori, ele roubou a festa nos shows da série Heineken Concerts, no Rio e em São Paulo, fechando as duas noites com um dos seus *standards*, "Maracangalha". Se depender do público e dos empresários, não faltariam novas comemorações, mas o patriarca da família mais musical do Brasil não quer saber de muitos compromissos:

— A minha neta, Denise, que hoje vem agendando os nossos shows, já tinha programado novas apresentações, agora em maio, no interior de São Paulo e no Rio. Mas pretendo recusar — conta Caymmi, fazendo jus à fama da preguiça baiana.

Fama que não pretende mais desmentir. Como lembra, muito desse folclore ele mesmo estimulou:

— Quando alguém vem com um assunto chato eu logo vou dizendo que estou com preguiça. A preguiça é meu escudo contra a chatice, porque sempre trabalhei bastante — revela Caymmi, com uma malandragem típica dos personagens cariocas da velha Lapa.

Não por acaso. Ele mesmo diz que ninguém vive 58 anos no Rio impunemente. Dorival Caymmi tinha 24 anos quando, em 1938, trocou a Salvador natal pela então Capital Federal para estudar Direito. E hoje se considera tão carioca quanto baiano:

— Meu símbolo é a moeda, cara e coroa, dois lados que não se vêem. Sou baiano autêntico, mas não me adapto à Bahia de hoje. Pode ser que alguém se ofenda com isso, mas atualmente não há condição de dizer que sou apenas baiano. Constituí família, meus descendentes estão aqui. Esta formação influenciou e agora posso dizer que sou carioca também — explica Caymmi, no apartamento em que vive com a mulher Stella, em Copacabana.

Com suas canções praieiras, seus sambas dengosos, Caymmi realçou as cores e os sabores de sua terra, exportando a cultura da Bahia para o resto do Brasil e também para o mundo. Músicas como "O que é que a baiana tem" (que, lançada por Carmen Miranda, revelaria o jovem compositor), "A lenda do abaeté", "Acontece que eu sou baiano", "São Salvador" ou "Coqueiro

de Itapoã" ajudaram a formatar no imaginário de todos a visão de uma Bahia paradisíaca. Mas será que a Salvador contemporânea inspiraria tais canções?

— Na minha juventude, Itapoã era um lugar de veraneio, distante e deserto, agora é um bairro. Estive lá outro dia e não tinha mais nada da minha Itapoã — responde. — Até os anos 60, Stella, eu e nossos filhos passávamos férias em Salvador. Mas, dos anos 70 para cá, não encontrei mais razões. Fui perdendo os parentes, uma irmã morreu, a outra, Dinahir (*este também é o nome de batismo da filha Nana*), eu trouxe para o Rio.

A maior parte da obra de Caymmi foi escrita na sua cidade de adoção, mas quase sempre a partir das eternas lembranças de Salvador. Difícilmente, outra geografia o estimulou tanto. A efêmera convivência com o Oceano Pacífico, por exemplo, não gerou canção alguma. Entre 1964 e 65, com o sucesso de "Das rosas" nos EUA, ele ficou alguns meses hospedado na casa do letrista Ray Gilbert (que assinou diversas outras versões da bossa nova para o inglês), em Los Angeles — a mesma cidade que hoje abriga o filho Dori Caymi.

— Eu sentia muita falta da família, foram quatro meses que pareceram quatro anos. O Pacífico deve ter sido uma coisa muito bonita. Mas, como os prósrios americanos brincam por lá, "o smog não deixa ver o fog, que não deixa ver o mar". *Continua na página 2*

Caymmi mais longe da Bahia

● Às vésperas de completar 82 anos, Dorival Caymmi diz que, depois de 58 anos vivendo no Rio, considera-se tão carioca quanto baiano. “Sou baiano autêntico, mas não me adapto à Bahia de hoje”, explica. Caymmi se diz distante da MPB atual e afirma que não assimila os modismos da música baiana. Compositor que gosta de lapidar as canções com calma, ele fez sua última música, “Mari-cotinha”, em 1991, e acha que ainda é cedo para se falar sobre novas obras.